

ENTRE RATOS E HOMENS: DO HOMEM ACUADO AO SER EMPAREDADO PELAS LITERATURAS BRASILEIRA E PORTUGUESA¹

Michele Dull Sampaio Beraldo Matter²

RESUMO

Motivados pelos versos de Manuel Alegre, em seu poema “Variações sobre “O poema pouco original do medo”, de Alexandre O’Neill, de 1965, que parecem ainda nos dizer muito de nosso tempo contemporâneo, analisamos textos da literatura brasileira e da literatura portuguesa que de alguma forma tematizam o homem em aprisionamento, o ser acuado ou emparedado, em busca incessante, o homem coisificado ou (des)humanizado, perseguido ou vigiado. De “Os ratos” (1935), romance do modernista brasileiro Dyonelio Machado, passando por imagens da obra do neorrealista português Manuel da Fonseca, como em “Seara de vento” (1958) ou em sua poesia, aos homens acuados e emparedados dos contos fantásticos contemporâneos de Murilo Rubião - “O bloqueio”, da coletânea *O convidado* (1974) -, e de José Saramago - “O embargo”, de *Objeto quase* (1978) -, entre outros, desejamos pensar sobre a experiência humana de aprisionamento, mas também de ruptura em busca de uma nova condição humana possível. Embasados por estudos como os de Antonio Candido, Davi Arrigucci Junior e Mário Dionísio, entre outros, objetivamos uma leitura crítica das relações entre o texto e seu contexto. Do legado de uma geração eticamente compromissada com o humano a textos que escolhem a veia do insólito ficcional, como forma de fazer ver a realidade em si mesma tão absurda, exploramos os cantos daqueles homens que não desistem e reagem com sua voz.

Palavras-chave: Modernismo, Neorrealismo, Insólito, Aprisionamento, Subversão.

1 Texto produzido como resultado de pesquisas no Projeto “Literatura: resistência, utopia e subversão – Diálogos entre expressões artísticas luso-brasileiras” desempenhado como Professora do CEFET-RJ.

2 Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Email: mdsmatter@gmail.com .

O medo vai ter tudo
quase tudo
e cada um por seu caminho
havemos todos de chegar
quase todos
a ratos.

Alexandre O'Neill (1960) (fragmento)

Os ratos invadiram a cidade
povoaram as casas os ratos roeram
o coração das gentes.
Cada homem traz um rato na alma.
Na rua os ratos roeram a vida.
É proibido não ser rato.

Canto na toca. E sou um homem.
Os ratos não tiveram tempo de roer-me
os ratos não podem roer um homem
que grita não aos ratos.
Encho a toca de sol.
(Cá fora os ratos roeram o sol).
Encho a toca de luar.
(Cá fora os ratos roeram a lua).
Encho a toca de amor.
(Cá fora os ratos roeram o amor).
Na toca que já foi dos ratos cantam
os homens que não chiam. E cantando
a toca enche-se de sol.
(O pouco sol que os ratos não roeram).

Manuel Alegre (1965)

INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos de identidades em desconstrução, de fragmentação e de indiferença, anestesiados pela realidade, dominados pelos bens de consumo e pelas imagens que se multiplicam sobre nós, e hoje, mais ainda, nesse contexto pandêmico, em meio a uma realidade quase insólita. Neste contexto contemporâneo de incertezas, os versos do *Poema pouco original do medo*, de Alexandre O'Neill, de 1960,

e os do poema *Variações sobre O Poema pouco original do medo*, de Manuel Alegre, de 1965, aparecem-nos ainda como um espelho trágico de nossa realidade. Se o medo, a vigilância, a miséria, ou um contexto político repressor, entre outros motivos, reduziriam o homem à condição animal, no tempo dos versos de O'Neill, a resistência à desumanização é assinalada talvez como resposta na escrita poética de Manuel Alegre: "Os ratos não podem roer um homem/ que grita não aos ratos". "Os homens que não chamam" "enche(m) a toca de sol". O eu poético de Manuel Alegre sabe, como, aliás, assinala em uma canção, que "há sempre uma candeia/ dentro da própria desgraça", "há sempre alguém que resiste/ há sempre alguém que diz não"³. Essa é uma bela imagem para descrever metonimicamente as vozes de tantos homens, e mulheres, que com sua arte literária não permitem que se perca nossa humanidade.

Desejamos ler nos exemplos da arte literária, experiências do ser que podem nos ensinar sobre o seu tempo, mas também sobre o nosso tempo contemporâneo. Com base em um instrumental crítico que se refere à leitura da obra literária como um *corpo* a ser percorrido, desejamos analisar em diálogo textos das literaturas brasileira e portuguesa que de alguma forma tematizam o homem em aprisionamento, em cerco constrangedor, o ser acuado ou emparedado em busca incessante, o homem coisificado ou (des)humanizado, perseguido ou vigiado. De "**Os ratos**" (1935), romance do modernista brasileiro Dyonelio Machado, passando por imagens da obra do neorrealista português Manuel da Fonseca, como em "**Seara de vento**" (1958), passeando por traços de uma certa perversão da ordem no conto "**Seminário dos ratos**" (1977), de Lygia Fagundes Telles, chegando aos homens acuados e emparedados dos contos fantásticos contemporâneos de Murilo Rubião - "**O bloqueio**", que integra a coletânea *O convidado* (1974) -, e de José Saramago - "**O embargo**" e "**Coisas**", de *Objeto quase* (1978) -, desejamos pensar sobre a experiência humana de aprisionamento, mas também de ruptura em busca de uma nova condição humana possível. Queremos mais uma vez ouvir os cantos daqueles que, como o eu lírico de Manuel Alegre, "grita(m) não aos ratos", pois também sabem que "cantando/ a toca enche-se de sol". Isso porque, apesar da noite que pesava num mundo marcado pelo tempo da Segunda Guerra Mundial, ou pelas dificuldades sociais do Brasil dos anos 30, ou pela asfixiante opressão do Regime Salazarista, e

3 "Trova do vento que passa", por Manuel Alegre e Antonio Portugal, 1963. Canção contida no disco *Fados de Coimbra* cantada por Adriano Correia de Oliveira.

consequente ausência de perspectiva para um campesinato local oprimido pelos desmandos do poder, ou ainda, pelo tempo de uma Ditadura militar brasileira, ou do totalitarismo do consumo contemporâneo, há sempre alguém a semear canções no vento que passa, ou melhor, houve e ainda há vozes resistentes, a dizer não, e a fazer saber que era, ou é, preciso perverter a ordem para continuar a sonhar. Ou, para reconhecer e redescobrir o homem.

METODOLOGIA

Este artigo é fruto de pesquisa de natureza crítico-literária e conta com uma análise sociológica do literário, na medida em que os autores estudados negociam com projetos artísticos orientados por preocupações éticas e sociais. A pesquisa toma por base textos de apoio teórico sobre os romances, poemas e contos selecionados como *corpus* de análise, entre os quais, os de autores como Davi Arrigucci Junior, Mário Dionísio e Caio Gagliardi. Foram consideradas as relações entre texto e contexto, a partir da visão de críticos como Antonio Candido que aproximam a análise literária da pesquisa histórica enquanto relações intrinsecamente ligadas na estrutura da obra. Em *Literatura e Sociedade*, após apresentar as duas tendências que antes se manifestavam na arte, a saber, aquela em que o valor da obra estava em “expressar ou não certo aspecto da realidade”, e a outra, na qual a matéria da obra é secundária, e para a qual a importância da obra deriva das “operações formais postas em jogo” (CANDIDO, 2008, p. 13), Candido assume que ambas não podem estar dissociadas na análise do literário. Assim, na linha de Candido, o objetivo da análise está ligado não só à análise da temática social apresentada nos textos, mas, sobretudo, à materialidade que essa temática assume no texto. Assim, a dimensão sociológica interessa ao aparecer intimamente ligada à sua camada significativa e às suas estratégias narrativas ou poéticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dissemos, comentaremos escolhas estilísticas textuais que de alguma forma apresentam o ser humano em aprisionamento, emparedado, coisificado, (des)humanizado, perseguido ou vigiado, sendo estas reveladoras do tempo social em que estão inseridos ou da própria condição decorrente de suas escolhas. Em alguns dos textos vemos, na escolha do bestiário, a menção à imagem de ratos, que se mostram ser

uma excelente metáfora da condição humana. Em outras, o comportamento humano, comparado ao de ratos entocados, ou outras estratégias de construção espelham os traços dessa condição de aprisionamento.

Os ratos, de Dyonelio Machado (1935)

O romance *Os ratos*, do modernista brasileiro Dyonelio Machado, publicado em 1935, traz à cena o ser humano levado à condição de ser acuado, em busca obsessiva ao longo de um dia para conseguir o dinheiro que deve ao leiteiro, numa odisseia desviada da heroicidade comum ao gênero épico. Nas palavras de Davi Arrigucci Jr, “(...) a epopeia rebaixada do cidadão comum que luta pela sobrevivência assume surpreendente dimensão trágica com apoio nas ações diminutas e amesquinhas em que se fraciona a sua existência.” (In: MACHADO, 2010, p. 187). Com efeito, o texto mostra o ser humano alienado pelo sistema, em busca pelas necessidades básicas, sem saber como proceder de forma correta para conseguir aquele dinheiro, e sem de fato resolver o problema maior de sua existência, já que contrai nova dívida para pagar a anterior. Como estratégia narrativa há o mergulho do narrador na interioridade do personagem associado às preocupações sociais, utilizando-se do discurso indireto livre para nos revelar as angústias do homem aprisionado por um cerco constrangedor de luta pela sobrevivência. A contribuir para a sensação da experiência do ser humano restrito a uma condição de aprisionamento sem saída, além das ações do protagonista sempre em círculos, o romance assinala muitas imagens circulares, como a da visão que ele tem de uma roleta, mencionada inúmeras vezes, ou reiteração da ausência do relógio no pulso do protagonista, o que poderia indiciar a sua condição rotineira, em tempo permanente, de ser cerceado por dívidas e estagnado, sem decisão e sem força.

Na narrativa do autor gaúcho, os comportamentos humanos que se assemelham a ratos aparecem espelhados nas pessoas da repartição pública onde o protagonista trabalha, ou nas pessoas a quem procura em busca de ajuda, ou nos olhares dos vizinhos na cena de abertura:

O primeiro escriturário, a cabeça quase roçando nos papéis, passa e repassa as suas contas, molhando as pontas dos dedos nos lábios com um certo ruído.(...)E se, porventura, os *abordasse*, lá haviam de vir aquelas evasivas, aquele desviar de olhos, a maior ou menor pressa de desconversar (...)! Naziazeno “vê-se” no meio da sala,

atônito, sozinho, olhando pra os lados, pra todos aqueles fugitivos, que se esgueiram, que se somem com pés de ratos... (MACHADO, 2010, p. 41).

Há menções evidentes a esses animais nas imagens ao final de sua odisseia, nos ratos imaginados(?) por Naziazeno, a roerem as notas do dinheiro que deixa para o leiteiro, que indiciam, talvez, que no mundo do consumo e em uma sociedade marcada por diferenças sociais, haverá sempre a privação e a luta rotineira pelo dinheiro:

A casa está cheia de ratos...

Espera ouvir um barulho de ratos nas panelas, nos pratos, lá na cozinha.”

O chiado desapareceu. Agora, é um silêncio e os ratos...
(...)

Os ratos vão roer – já roeram! – todo o dinheiro!...
(MACHADO, 2010, p. 173)

A incapacidade para uma ação que pudesse subverter a ordem do caos em que vive fica evidente nestas cenas finais em que o protagonista sabe que precisava levantar e agir, mas não o faz, continuando imerso num mundo de ratos que também o consomem:

Tem um desespero nervoso. Vai levantar! Mas depois do baque da tampa caindo, fez-se um silêncio, um grande silêncio. Espera um pouco. (...) – (MACHADO, 2010, p. 173,4.)

(...) Vai levantar! Meio “prepara” a energia, a decisão muscular. Fica todo acuidade. Quer examinar a ideia um instante antes de se erguer. Tem uma fadiga... Uma irresolução... (Idem, p. 174) (...) Guardar, então. Esperará o leiteiro de pé... De pé!...

Tem uma fadiga... um cansaço... (Idem, p. 175)

Neste livro, dentro dos simbolismos comuns a ratos como animais do submundo, noturnos, entocados, que agem em surdina, os ratos aparecem, a nosso ver, como imagens especulares dos humanos acuados pela vida, humilhados e anônimos, entocados na sua condição de aprisionamento num sistema que os assola. Ao mesmo tempo, por sua carga de negatividade, de bicho sujo, podem ser vistos nos comportamentos humanos dentro das relações sociais, espelhando a frieza e a falta de altruísmo dos homens e o seu interesse pela vigilância alheia. Ainda, segundo o crítico Arriguicci Jr (In: MACHADO, 2010, p.186), os indícios de

ratos estão também na sintaxe do texto, no estilo de discurso miúdo, nos seus capítulos curtos e em outros traços que isomorficamente demonstram o seu conteúdo.

- Planície (1941), Aldeia Nova (1942) e Seara de Vento (1958), de Manuel da Fonseca

Convidando para a análise um autor correspondente em Portugal às preocupações e ao estilo da geração brasileira modernista de 30, analisamos imagens da obra de Manuel da Fonseca, autor do neorrealismo. Síntese entre a “incompatibilidade com a vida e a ansiedade de vida”, e a “necessidade de agir”, na expressão de Mário Dionísio (In: FONSECA, 1984, p.37), a obra de Manuel da Fonseca se compõe de imagens e de *gestos* de escrita que alegorizam, por um lado, o *aprisionamento* e o *cercamento* do sujeito, mas que, por outro, revelam a aposta na intervenção e na ação, a *ruptura* necessária em desafio a esse cerco.

A imagem de cerco e aprisionamento é evidente, por exemplo, no poema “Maltês”, de *Planície*, em que o vagabundo cercado pela guarda é trazido ao largo da cidade, como espetáculo público de imposição do poder: “Cercaram-me num montado;/ puseram joelho em terra;/ gritaram que me rendesse/ à lei dos caminhos feitos.” (FONSECA, 1984, p. 108). A altivez do humilhado que se eleva com superioridade é indicada pela escrita poética através de um processo cinematográfico de contra-posição entre agilidade e ralentar da cena, agilidade pela justaposição assindética de *flashes* visuais quando citados os comportamentos dos observadores, contrapondo-se ao ralentar da cena conseguido através do corte da oração principal pela introdução de apostos especificativos das características desse herói em desvio:

Gente chegou às janelas,
Saíram homens à rua:
as mães chamaram os filhos,
bateram portas fechadas!

E eu, o desconhecido,
o vagabundo rasgado,
entrei o largo da vila
entre dez guardas armados;
- mais temido e mais amado
que o deus a que todos rezam. (FONSECA, 1984, p. 108)

Sensação semelhante de circularidade e abafamento é gerada no conto “Campaniça”, de *Aldeia Nova*. A captação cinematográfica é utilizada como estratégia para denunciar o emparedamento e o fechamento dos indivíduos em uma realidade sufocante. Observa-se a condição bravia do espaço, seu isolamento e improdutividade: a aldeia de Valgato fica “no fundo de um córrego, cercada de carrascais e sobreiros descarnados”, “não há searas em volta”, e “no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado” (FONSECA, 1996, p.15, grifos nossos). Ampliando a sensação de asfixiante circularidade, isomorficamente comum ao tempo de sua escrita e à realidade portuguesa, a estrutura do conto apresenta insistentes reiterações. A retomada do mote inicial – “Valgato é uma terra ruim”, ou da sua variante paralelística, “Valgato é uma terra triste” é um exemplo delas. A reiteração promove um eco do pensamento da personagem que sonha com um dia se ver longe da terra em que vive. As repetições das ações alienadas dos homens insistem ainda na ideia de rotina, e, portanto, de circularidade das ações. Circular é o conto num geral, pois termina com quase as mesmas palavras e imagens iniciais.

“Um bicho no fojo, um bicho caçado” (FONSECA, 1994, p.171). Esta metáfora, a que se atribui o personagem António de Valmurado no romance *Seara de Vento* (1958) é sintomática de sua condição de homem emparedado por um sistema que o impede de viver com dignidade e o leva a agir em revide, como um bicho acuado. Aliás, a antroponímia de seu nome revela desde já a sua condição de ser em *vale murado*, cercado. No entanto, apesar do aparente desfecho de derrota, com Palma caçado e morto, a narrativa se finda com uma imagem como de uma *candeia acesa* de esperança, um *canto a encher a toca de sol*, pois é dado aos homens o testemunho vivo de que a luta individual não é a saída, e que está na união dos homens a possibilidade de vencer as barreiras.

- *Seminário dos ratos* (1977), de Lygia Fagundes Telles

O conto “Seminário dos ratos” (1977), de Lygia Fagundes Telles, autora contemporânea brasileira, publicado na coletânea de contos homônima, também parece trazer, uma mensagem de ruptura da ordem, ao findar com uma cena marcada pela iluminação. Novamente encaramos ratos e várias leituras que podem ser feitas de suas ações, em uma interpretação alegórica. O leitor se depara primeiramente com a organização da sétima edição de um *Seminário dos Ratos*, promovido por uma

organização governamental – a Ratesp – a fim de deliberar a respeito das possíveis ações políticas contra a invasão insólita de ratos que há anos dominam o país. Não se nomeia o país, mas pelo elemento final da sigla Ratesp, comum a órgãos públicos de São Paulo, e outros traços como a referência intertextual à música de Chico Buarque, é possível inferir o contexto ligado à sociedade brasileira.

Numa primeira leitura do título, temos que ele se refere a um Seminário promovido pelos políticos e autoridades para deliberar acerca dos ratos. Conforme se narram os fatos ligados à organização desse seminário, com enormes gastos financeiros para a sua execução em local afastado do público geral, o leitor se depara com o comportamento corrupto dos políticos, não preocupados em resolver as questões sociais. Notamos o mascaramento da realidade promovido pelos discursos oficiais, por exemplo, na fala do Secretário do Bem-Estar Público e Privado: “Devíamos só mostrar o lado positivo não apenas da sociedade mas da nossa família. [...] O senhor, que é um candidato em potencial, desde cedo precisa ir aprendendo essas coisas, moço. Mostrar só o lado positivo, só o que pode nos enaltecer.” (TELLES, 2009, p.153). Paralelamente, a narrativa denuncia a fome e a miséria da população, contrastante com os gastos exorbitantes do governo: “- Mas Excelência, não sobrou nenhum gato na cidade, já faz tempo que a população comeu tudo.” (TELLES, 2009, p.158).

O conto parece denunciar a opressão vivida durante o período militar no Brasil, no tempo correlato ao de sua escrita, e das misérias da condição brasileira nesta época, através de uma aparente estratégia de realismo fantástico ao trazer uma invasão de ratos que acaba com a possível ordem que os políticos tentam estabelecer. Notamos um efeito fantástico que não perde nada ao ganhar uma possível interpretação alegórica, esta que no fundo é também histórica: uma denúncia da opressão e da miséria do período ditatorial.

Ao final, o Seminário dos Ratos é invadido por ratos que tomam conta totalmente do casarão e da comida. Ao comportamento dos políticos que agem sem moral, como ratos em surdina, mascarando a realidade, se antepõe uma possível revolução daqueles que tomam o poder. Nesse sentido, falamos de uma segunda acepção de interpretação do título do conto, aquela ligada a um novo Seminário de Ratos que parece se estabelecer ao final da narrativa: talvez um seminário dos ratos sobre os homens. Os ratos, agora na sua simbologia ligada aos que agem em surdina, criaturas do submundo, esfomeados, ou de animal de atividade

noturna e clandestina, podem ser associados à população das sombras, desprezada, mas que também incomoda e pode vir a subverter a ordem instaurada pelo poder anterior:

(...) foi andando pela casa completamente oca, nem móveis, nem cortinas, nem tapetes. Só paredes. E a escureidão. Começou então um murmurejo secreto, rascante, que parecia vir da Sala de Debates e teve a intuição de que estavam todos reunidos ali, de portas fechadas. (...) Quando olhou para trás, o casarão estava todo iluminado. (TELLES, 2009, p.164)

Se os discursos oficiais só contam o que interessa, a imagem positiva da nação, a literatura, também como ratos em surdina, é aquela candeia acesa que ousa descortinar os desmandos do poder, e assinalar, apesar de uma base “irrealista”, um registro histórico de um tempo de repressão e miséria, mas ao mesmo tempo de sua possível subversão.

O bloqueio, de Murilo Rubião (1974)

Outra narrativa que tematiza o homem em aprisionamento, o indivíduo emparedado por um poder que suscita curiosidade, e que não se revela em sua inteireza, e também preso a relações familiares desconfortáveis é o conto *O bloqueio*, de Murilo Rubião, publicado na coletânea *O convidado*, de 1974. Esta narrativa também nos parece trazer o insólito como denúncia do real. Numa sociedade de massa marcada pela busca pelos bens de consumo, pelo distanciamento dos indivíduos, pela profusão de imagens que são simulacros de realidade, e também escrevendo num tempo marcado historicamente no Brasil por um período totalitário, a obra de Murilo Rubião parece-nos concordar com o comentário de José Saramago, no documentário *Janelas da alma* (2001), ao dizer que num mundo de pessoas “aprisoadas na caverna de Platão, vendo sombras e não a realidade”, “Somos incapazes de prestar atenção”, “as histórias precisam ser extraordinárias para nos tocar”. (SARAMAGO, In: JARDIM & CARVALHO, 2001). Assim, as narrativas de Rubião parecem trazer o fantástico como exercício narrativo que desconcerta o leitor, que o tira de seu lugar comum, para ver a realidade com outros olhares e suscitar outras atitudes possíveis.

O conto traz à tona uma situação insólita que depois é aceita como normalidade: andares inteiros de um edifício aparecem engolidos por uma misteriosa máquina, deixando o protagonista, Gérion, emparedado

em casa, não existindo mais os andares abaixo do seu e os acima. Ao perguntar à portaria sobre o que acontecia, lhe é informado que são “obras de rotina” (RUBIÃO, 2005, p. 247). Lendo a natureza da resposta para além da informação de que seriam obras habituais, podemos inferir que, a condição de “bloqueio” que se estabelece é também algo rotineiro, habitual, e que a rotina do sujeito é que seria insólita.

Lemos o conto como uma crítica aos sufocantes costumes em sociedade. A sensação angustiante de Gérion, em seu relacionamento familiar com uma mulher que o oprime e menospreza, tem seu paralelo no emparedamento a que é submetido em planos físicos pelos trabalhos de destruição da misteriosa máquina. Seu isolamento, tendo ousado quebrar os padrões e sair da casa, e sua incapacidade de ação, mesmo quando ensaia resignadamente voltar à casa, ou quando é impedido de falar as palavras de revolta que gostaria à mulher (“Escolhera bem os adjetivos. Não chegou a usá-los: uma corrente luminosa destruiu o fio telefônico. No ar pairou durante segundos uma poeira colorida. Fechava-se o bloqueio.” - RUBIÃO, 2005, p. 249), podem ser lidos como denúncias da incapacidade do homem de lidar com o novo e de modificar a realidade sem saída em que vive. A condição do protagonista parece denunciar também qualquer realidade de opressão que se impõe sobre o ser.

A narrativa tem o desfecho em aberto, quando o protagonista se encerra em casa, mas não se sabe por quanto tempo ou se eternamente. Também não se explicam os segredos ou propósitos daquela misteriosa máquina. Com efeito, muitos contos de Rubião apresentam um final em aberto, talvez porque não haja saída simples e reconfortante para as grandes questões existenciais do homem, ou porque o conforto do leitor talvez não gerasse a ação necessária de reflexão sobre o homem e suas angústias, alienado pelas forças diversas que o dominam.

Embargo e Coisas (1978), e Ensaio sobre a cegueira (1995), de José Saramago

No documentário *Janelas da Alma* (2001), já citado anteriormente, José Saramago afirma que vivemos numa espécie de mundo audiovisual, onde os sons e as imagens se multiplicam, onde nos sentimos perdidos de nós próprios e da relação com o outro. Se vivemos em tempos de fragmentação e de indiferença, anestesiados pelas imagens que circulam e se multiplicam sobre nós, pelos simulacros de real e pela dominação dos bens de consumo, emparedados nessa condição, sem perceber o quanto

a nossa realidade é insólita nesse sentido, talvez narrativas que ensaiam a experiência do insólito possam ser o estranhamento necessário para mover o homem, e conseqüentemente o leitor, à mudança, à reflexão sobre a sua condição. De forma semelhante aos contos de Murilo Rubião, os contos *Embargo* e *Coisas*, de José Saramago, publicados pela primeira vez em 1978, na coletânea *Objeto Quase*, e também o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de 1995, parecem negociar com o fantástico para melhor revelarem a experiência do real.

Em *Embargo*, o leitor experimenta uma apresentação inicial com aparente efeito de real, através de uma descrição do acordar do personagem aparentemente normal, mas com traços de anormalidade indiciados nos significantes escolhidos: “Acordou com a sensação aguda de um sonho degolado e viu diante de si a chapa cinzenta e gelada da vidraça, o olho esquadrado da madrugada que entrava, lívido, cortado em cruz e escorrenete de transpiração condensada.” (SARAMAGO, 1994, *Embargo*, p. 33, grifos nossos). Então, subverte-se essa realidade com a irrupção de algo anormal, pela lógica habitual, que é a dominação do protagonista pelo seu automóvel, indicando talvez a dominação do homem pelos bens de consumo, e a progressiva perda da substância humana reduzida à condição de animal:

O que estava a passar-se era absurdo. Nunca ninguém ficara preso desta maneira no seu próprio carro, pelo seu próprio carro. (...) Desligou o motor e sem interromper o gesto atirou-se violentamente para fora, como quem ataca de surpresa. Nenhum resultado. Feriu-se na testa e na mão esquerda, e a dor causou-lhe uma vertigem que se prolongou, enquanto uma súbita e irreprímível vontade de urinar se expandia, libertando interminável o líquido quente que vertia e escorria pernas entre as pernas para o piso do carro. Quando tudo isto sentiu, começou a chorar baixinho, num ganido, miseravelmente, e assim esteve até que um cão, vindo da chuva, veio ladrar-lhe, esqualido e sem convicção, à porta do carro. (SARAMAGO, 1994, p. 41)

É interessante notar nessa cena a referência aos gestos e ao ganido emitido pelo homem, aprisionado a seu carro numa espécie de animalização. Com efeito, tendo-se falado aqui de ratos que povoam as páginas dos textos escolhidos, é digno de se assinalar que também aqui se tem uma referência ligada a ratos. Um grande rato morto é focalizado pela narrativa no momento em que o protagonista deixa o prédio em direção a seu automóvel. Esse rato que aparece na rua, cuspidor por uma criança,

depois em outra cena, aparecendo mole e de pêlo arrepiado, parece ser, como mostrou o crítico Caio Gagliardi (2021), uma espécie de imagem de espelhamento do próprio personagem, que é consumido e dominado pelo automóvel até a sua exaustão. O conto parece utilizar de estratégias do insólito ficcional para revelar a condição do homem consumido pelas máquinas, preso às necessidades delas, numa sociedade de consumo. À medida que a máquina ganha vida própria, o homem se desumaniza ou se coisifica, passando a fazer parte do automóvel, como que indicando que o homem contemporâneo não é capaz de viver sem os bens de consumo. O embargo do fornecimento de combustível, devido a aspectos históricos, tem seu paralelo no embargo que vive o personagem, impedido de suas ações, tendo de lidar com o obstáculo insólito de uma máquina que o domina, coisificando-o aos poucos.

A inversão de papéis entre humanos e objetos como possível crítica à sociedade consumista também é colocada no conto *Coisas*, da mesma coletânea. Os objetos parecem ter atitudes próprias de humanos, como o sofá com febre ou um relógio que insiste em parar dez minutos antes do expediente acabar. Os homens se reduzem a objetos catalogáveis, com suas tatuagens das letras relativas às classes sociais a que pertencem, segundo o seu poder de consumo. Psicólogos são contratados para ajudar os que sofrem com a falta das coisas que somem, revelando a dependência do sujeito em relação aos bens de consumo. Entretanto, a aposta na possibilidade de uma mudança dessa condição é revelada pelos homens nus que ao final saem dos seus esconderijos com o anseio de recomeçar: “Agora é preciso reconstruir tudo. E uma mulher disse: - Não tínhamos outro remédio, quando as coisas éramos nós. Não voltarão os homens a ser postos no lugar das coisas.” (SARAMAGO, 2007, p.103).

Assim, essas narrativas subversivamente ensaiam a necessidade de mudança nas relações com o outro, a partir do questionamento da condição de sujeito e da reaprendizagem de um novo humano. Para tal, é necessário desumanizar o humano, como paralelo a seu comportamento já desumano. Elas subvertem a normalidade aparente, as certezas e os valores. Espantam, por nos fazerem ver o que há por trás de nós mesmos, por trás de uma humanidade capaz de ver, mas não de reparar. Incomodam, desconfortam, angustiam. É o que acontecerá também com os personagens do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), que diante da situação limite que enfrentam são obrigados a aprender um novo código de coletividade para sobreviverem ao caos. É, portanto, uma espécie de “desumanização humanizadora”, pela consciência de que nossa

humanidade, precisa reaprender a reconstruir uma nova humanidade pelo coletivo. É preciso desconfortar para subverter, e essa experiência de aprisionamento geradora de aprendizagem é muito bem ensaiada nos contos e no romance de José Saramago.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhemos aqui algumas imagens e estratégias narrativas de obras literárias que tematizam o aprisionamento e cerceamento do sujeito em uma condição, o ser acuado, como *ratos*, por conta de uma realidade social específica ou das próprias escolhas dos personagens.

Tais experiências encenam a experiência do limite, o ser humano imerso no caos, alienado pelo sistema, ou em busca obsessiva sem aparentemente alcançar a saída. Entretanto, muitas dessas obras revelam também uma possibilidade de ruptura dessa condição, erguendo-se como candeias acesas na noite dos homens, canto dos que ainda sabem que “cantando a toca enche-se de sol”, para usarmos a imagem de Manuel Alegre. A subversão da ordem, o testemunho do tempo mesmo pelas vias do insólito, a aprendizagem que alguns personagens empreendem, os gritos e a ruptura ao cerco que indiciam, a mensagem assinalada para as gerações presente e futura, a desumanização humanizadora, a necessidade do espanto para ver o que há por trás de nós mesmos, ou o desassossego que pode mover a alguma ação, o final em aberto apostando no leitor para completar suas lacunas, ou os homens nus que destroem as coisas para tornar possível o recomeçar são todas elas vozes assinaladas em gestos de escrita que continuam a cantar e a dizer não, pois sabem que são e serão sempre *homens*.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, Manuel. **Praça da canção**. (1965). Portugal: Dom Quixote, 2015.

ARRIGUCCI Jr., Davi. Posfácio. In: MACHADO, Dyonelio. **Os ratos**. 2ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. pp. 181-191.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 10ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

DIONÍSIO, Mário. Prefácio. In: FONSECA, Manuel da. **Obra poética**. Lisboa: Ed. Caminho, 1984.

FONSECA, Manuel da. **Aldeia Nova**. 10ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

_____. **Seara de Vento**. 16ed. Lisboa: Caminho, 1994.

_____. **Obra Poética**. Com Prefácio de Mário Dionísio. 7ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1984.

GAGLIARDI, Caio. Um automóvel chamado ditador: “Embargo”, de Saramago. In: Revista **Metamorfoses**, Rio de Janeiro, vol. 17, número 2, p. 234-246, 2021.

MACHADO, Dyonelio. **Os ratos**. 2ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

O’NEILL, Alexandre. O poema pouco original do medo. **Abandono vigiado** (1960). Disponível em: <https://alexandreoneill.bnportugal.gov.pt/o-poema-pouco-original-do-medo/>. Acesso em 14 de dezembro de 2021.

RUBIÃO, Murilo. **Contos reunidos**. 2ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

SARAMAGO, José. **Objeto Quase**. 10ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Ensaio sobre a cegueira**. 4ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Depoimento em documentário. In: JARDIM, João & CARVALHO, Walter (Direção/Roteiro). **Janela da Alma** (PT). Documentário. Brasil: 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.151-164.